

Parmênides, o pluralismo e a tradição cosmológica

Parmenides, the pluralism and the cosmological tradition

Eryc de Oliveira Leão

Universidade de Brasília, Brasil

erycleao@gmail.com

Sob orientação do Prof. Dr. Gabriele Cornelli

Membro do grupo *Archai* – as origens do pensamento ocidental

Mestrando do Departamento de Filosofia, UnB

Docente da área de Física do IFB

Abstract: Taking Parmenides from the standpoint of the predication interpretation, I will discuss the relationship between him and some of his predecessors and successors, from his philosophy of *eón* (ἔόν), *what-is*, understood as a methodological criterion for creating well-founded cosmologies. The starting point for this discussion will be the presentation of some definitions of the concepts of monism and pluralism. With these concepts in mind, the fragment B2 and others related to it will be analyzed in the context of the discussion about the appropriate route of investigation. With this will be clear the hermeneutic confusion that can arise from a simplistic view of these logical concepts. So, Parmenides' philosophy will be seen not as a break with the cosmological research, but as a reform proposal to the study of nature.

Keywords: monism, pluralism, cosmology, *eón*, historiography

Resumo: Tomando Parmênides de um ponto de vista predicativo, farei uma discussão sobre a relação entre ele e alguns de seus predecessores e sucessores, a partir de sua filosofia do *eón* (ἔόν), *aquilo que é*, entendida como um critério metodológico para a criação de cosmologias bem fundamentadas. O ponto de partida para essa discussão será a apresentação de algumas definições dos conceitos de monismo e pluralismo. Com esses conceitos em mente, o fragmento B2 e outros relacionados a ele serão analisados. Com isso ficará clara a confusão hermenêutica que pode surgir a partir de uma visão simplista desses conceitos lógicos. Assim, a filosofia de Parmênides será vista não como um rompimento com a investigação cosmológica, mas como uma proposta de reforma metodológica da investigação da natureza.

Palavras-chave: monismo, pluralismo, cosmologia, *eón*, historiografia

Conceitos de monismo e pluralismo

Desde a antiguidade, a tradição historiográfica utilizou muitas vezes irrefletidamente a abordagem acerca do “número de princípios” para interpretar os sistemas dos filósofos pré-socráticos. De maneira simplista, diz-se que Tales adotou como princípio de tudo a água, Anaximandro o ilimitado, Anaxímenes o ar, Xenófanes a terra, Parmênides o “ser”, etc. Tal abordagem historiográfica, longe de esclarecer o sentido dos sistemas pré-socráticos, apenas mostra a intenção historiográfica de unificar o pensamento dos antigos dentro de uma única abordagem lógica, como se tal debate acerca dos princípios fosse algo trivial e ingênuo. Talvez a suposição de que os pré-socráticos tenham sido, de fato, os primeiros a refletir sobre assuntos filosóficos dentro da cultura grega esteja na origem da interpretação simplista desses autores. Mas basta um olhar mais atento ao texto e a ajuda de algumas ferramentas filológicas para perceber que as questões discutidas pelos pré-

socráticos são tão ricas e atuais que muitos estudiosos contemporâneos ainda dedicam toda uma vida de esforços para esclarecer os mesmos problemas levantados por eles.

Expandindo o aspecto meramente numérico da análise dos princípios dos sistemas pré-socráticos, é possível definir pelo menos três variedades de monismo: o material, o numérico e o predicativo:

1. Material: Monismo adotado por Tales e Anaxímenes, consistente com a existência de muitos objetos e itens no mundo, sendo cada um desses feito de uma modificação de um princípio material.
2. Numérico: Monismo tradicionalmente atribuído a Parmênides e Melisso, afirma que há apenas uma coisa ou item no universo. Não está claro se essa única coisa pode admitir mais de um predicado. A depender disso, será ou não possível dizer algo além de “aquilo-que-é” é.
3. Predicativo: Afirmação de que cada coisa que seja possa ser apenas uma coisa, possa carregar apenas o predicado que indica o que tal coisa é, e deva sustentar esse predicado de modo particularmente forte. Assim sendo, para ser uma entidade genuína, uma coisa deve ser uma unidade predicativa, com uma única indicação do que é, mas não é o caso que necessariamente exista apenas uma tal coisa.

Por extensão à definição de Monismo Numérico dada acima, pode-se chamar “Pluralismo Numérico” à teoria segundo a qual existe mais de uma coisa ou item no universo. E assim definidos, uma abordagem cosmológica pode sustentar coerentemente várias combinações dessas abordagens teóricas, dentre elas:

- Monismo Predicativo e Monismo Numérico
- Monismo Numérico e Monismo Material
- Monismo Material e Pluralismo Numérico
- Monismo Predicativo e Pluralismo Numérico

Para dar conta da tarefa de discutir o tipo de monismo adotado por Parmênides, o tipo de leitura feita pelos pluralistas seguintes e a questão sobre o caráter cosmológico ou não da filosofia parmenideana, faz-se necessário começar com uma discussão sobre o uso do verbo ser no segundo fragmento de Parmênides.

Filosofia do *eón* e sentido predicativo

Boa parte da compreensão do poema de Parmênides está vinculada à tradução que se faz do verbo “ser” no fragmento B2. Teoricamente, nesse contexto, pode-se traduzi-lo por “é” ou por “existe”. E em cada uma dessas traduções é possível fazer mais de uma interpretação lógica do termo. Cada uma dessas acepções define um tipo de monismo por parte de Parmênides e um tipo de pluralismo adotado por aqueles que seguiram algum de seus princípios. Em uma exposição semanticamente aberta do fragmento B2, pode-se dizer que, neste momento do poema, Parmênides apresenta os únicos caminhos (*hodoì moûnai* - ὁδοὶ μοῦναι) de investigação possíveis: um, por um lado (*hē mèn* - ἡ μὲν), que é/existe (*hópōs éstin* – ὅπως ἔστιν), e outro, por outro lado (*hē d’* – ἡ δ’), que não é/não existe (*hōs ouk éstin* – ὡς οὐκ ἔστιν). Com relação ao primeiro caminho, a deusa diz que é caminho de persuasão (*Peithoûs esti kéleuthos* – Πειθοῦς ἔστι κέλευθος), pois segue a verdade (*Alēthéiēi gār opēdeî* – Ἀληθείῃ γὰρ ὀπηδεῖ). Com relação ao segundo caminho, a deusa diz que é totalmente inescrutável (*pan-a-peuthéa* - παν-α-πευθέα). Mais a frente, em B8.1-2, Parmênides retoma o caminho que é/existe, e apresenta uma série de sinais sobre esse caminho. Após a apresentação desses sinais, em B8.50 Parmênides cessa o discurso sobre a verdade e apresenta o mundo decepcionante das opiniões dos mortais.

É esse o centro do argumento de Parmênides. E a discussão inteira depende do tipo de predicação adotada no primeiro caminho de investigação, o que depende de um bom entendimento da função do verbo ser em B2.

Ao longo do tempo, os vários filósofos e historiadores alinharam-se a várias correntes de interpretação baseadas em diferentes apropriações do verbo ser em Parmênides¹. Uma linha de interpretação interessante para o contexto deste trabalho – que põe Parmênides diretamente ligado às discussões de caráter cosmológico de seus

¹ Segundo Palmer, essas várias interpretações podem ser classificadas em: “estritamente monista”, “lógico-dialética”, “via meta-princípios”, “aspectual” e “modal”; cf. Palmer, J. *Parmenides and Presocratic Philosophy*. Oxford, Oxford University Press, 2009.

contemporâneos – é aquela iniciada por Mourelatos², e que vem influenciando intérpretes como Nehamas³ e Curd⁴, responsáveis por um tipo de interpretação do poema de Parmênides que põe seus argumentos em forte diálogo com os filósofos posteriores influenciados de algum modo por ele. Segundo esses autores, o poema de Parmênides estatui princípios metafísicos para a investigação da natureza, fornecendo questionamentos importantes para a investigação da natureza por parte da filosofia seguinte, começando com os pluralistas, Empédocles e Anaxágoras, até alcançar Platão e Aristóteles e, por meio deles, toda a tradição filosófica ocidental. Segundo Curd:

Ao contrário de alguns comentadores, eu não tomo Parmênides como alguém que tenha proibido ou negado a possibilidade de uma cosmologia genuína. Ao contrário, seu objetivo é criticar explicações anteriores da natureza das coisas e ao mesmo tempo formular requisitos metateóricos para uma exposição cosmológica aceitável. Tal exposição deve estar fundamentada em entidades metafisicamente genuínas e usar mecanismos que não comprometam a realidade de tais coisas básicas. Na seção do poema sobre a Alêtheia, Parmênides argumenta que aquilo-que-é é de tal modo que não vem a ser, não morre, não muda e que qualquer coisa que seja deve ser um todo de um mesmo tipo. Apenas o que genuinamente é nesse sentido pode ser um objeto de pensamento genuíno e dessa maneira de conhecimento ou entendimento (veja-se B2, B3, B8.1-6, com o argumento inteiro em B8). Qualquer exposição confiável do cosmos que irá contar como conhecimento deve estar adequadamente fundamentada naquilo-que-é. Qualquer coisa que seja no sentido sancionado pelos argumentos de B8 conta

² Mourelatos, A. *The Route of Parmenides – A Study of Word, Image, and Argument in the Fragments*. New Haven and London, Yale University Press, 1970.

³ Nehamas, A. “On Parmenides’ Three Ways of Inquiry”. *Deucalion*, 33/34, 1981, p. 97-111.

⁴ Curd, P. *The Legacy of Parmenides – Eleatic Monism and Later Presocratic Thought*. Las Vegas, Parmenides Publishing, 2004.

como algo metafisicamente básico e poderia servir como fundamento para uma explicação teoricamente aceitável do mundo que percebemos (Curd, 2004, p. xvii-xviii).

Também Mourelatos acredita que o argumento de Parmênides não seja contrário ao Pluralismo. Segundo ele, o argumento de Parmênides é contrário ao dualismo:

Se o monismo de Parmênides é essencialmente um não-dualismo, então a relação entre sua filosofia e aquela de Zenão e Melisso, e a relação entre a sucessão eleata e os pluralistas do quinto século, se torna interessantemente complexa e dialética. Do ponto de vista lógico, um não-dualismo é compatível com uma pluralidade numérica, desde que se tenha cuidado de excluir qualquer relação de contrariedade ou oposição entre pares de elementos reais (Mourelatos, 1970, p.133).

Tal apropriação de Parmênides, tanto em Mourelatos, quanto em Curd, depende de uma forte crítica ao sentido existencial do verbo ser em B2. Ambos assumem que tal interpretação foi bastante influente e que existe forte consenso entre os críticos de que o verbo ser – em suas formas conjugada (*éstin* – ἔστιν), infinitiva (*eînai* – εἶναι) e participial (*eón* – ἐόν) – apresenta força existencial em B2 e nas ocorrências em que o verbo ser constitui uma referência à B2.

Há ainda a possibilidade de considerar o *éstin* como uma confusão entre predicção copulativa (é) e o sentido existencial (existe). Tal interpretação, levada a cabo por Guido Calogero sugere que a mensagem do poema de Parmênides se reduz ao fato de que os julgamentos positivos são possíveis apenas no caso em que eles dizem apenas “é”, enquanto que julgamentos negativos são impossíveis, uma vez que eles não se referem a nada. Segundo essa interpretação, a adição de qualquer predicado à predicção copulativa seria equivalente à inserção de um “não é”, uma vez que a inclusão de um predicado implicaria na exclusão de outros predicados. Assim, a interpretação do poema de

Parmênides se reduziria a essa aplicação copulativa do sentido de ἔστιν (*éstin*) associada ao sentido existencial no fato de que o único predicado logicamente coerente com o argumento de B2 seria algo que fosse um, todo, imutável, imóvel, homogêneo, contínuo, indiferenciável etc⁵. Mourelatos critica a interpretação de Calogero, estendendo a crítica também à interpretação de Owen⁶ de Parmênides, dizendo que sua teoria é extremamente pobre, que suas conclusões nos levariam a crer que Parmênides não estaria interessado em nada concreto, substancial e relacionado de algum modo com a tradição cosmológica:

Se assumirmos uma confusão entre o "é" da predicação copulativa e o "é" existencial, o argumento de Parmênides se torna muito fácil. A complexa estrutura de B8, o comprimento do poema, a dupla explicação, a forma épica, o proêmio, as metáforas – tudo isso se torna supérfluo se a intenção de Parmênides for meramente chamar a nossa atenção para o fato de que (genuinamente) só proposições positivas são possíveis, e de que o universo deve ter a simplicidade de uma proposição (genuinamente) positiva. Isso, naturalmente, é uma redução *ad absurdum* da filosofia antes mesmo de Górgias. Se Parmênides tivesse sido compreendido por seus contemporâneos pela linha interpretativa de Calogero, a filosofia teria caminhado direto para a produção de paradoxos dos megáricos. A relação entre Parmênides e Empédocles, Anaxágoras, e os atomistas teria sido baseada em um mal-entendido (Mourelatos, 1970, p. 54).

Um dos importantes trabalhos que contribuíram para a crítica que Mourelatos fez do sentido de B2 em Parmênides foi o trabalho de Kahn sobre o uso filosófico do verbo ser no contexto grego. Segundo ele, quando utilizado sem predicados, o valor de *éstin* (ἔστιν) não

⁵ Calogero, G. *Studi Sull'eleatismo*. Roma, Tipografia del Senato, 1932.

⁶ Owen, G.E.L. "Eleatic Questions". *The Classical Quarterly*, 10, 1, 1960, p. 84-102.

significa “existe” e sim “é o caso”, “é verdade”, etc. Segundo Kahn⁷, referindo-se ao sentido de *eînai* (εἶναι) em Parmênides:

Sua tese inicial, de que o caminho da verdade, convicção, e conhecimento é o caminho “do que é” ou “que é” (*hōs esti*), pode então ser entendida como uma afirmação de que o conhecimento, a crença verdadeira, e a verdadeira declaração estão todos indissolivelmente ligados a “aquilo que é o caso” - não meramente ao que existe, mas ao que é o caso... A doutrina do Ser de Parmênides é antes de tudo uma doutrina relacionada à realidade como *o que é o caso* (Kahn, 1966, p. 251, *apud* Mourelatos, 1970, p. 48).

Fundamentando uma opinião generalizada sobre filosofia grega, Kahn notou que a ontologia dos gregos se refere fundamentalmente a questões relacionadas à essência das coisas, e não à existência (Mourelatos, 1970). Partindo de Kahn e criticando o sentido misto de Calogero⁸, Mourelatos fará uma apropriação bastante original do sentido veritativo do verbo *eînai* em B2, naquilo que ele chamou de predicação especulativa. Para melhor compreender o sentido proposto por esses autores, seguindo a sugestão de Mourelatos (1970), segue abaixo a proposta de tradução de B2 com o sentido copulativo do verbo *éstin* (ἔστιν), “é”, onde tanto o sujeito quanto o predicado aparecem em branco:

Pois bem, agora eu declamarei, e tu, ouvindo, memoriza a mensagem,
 Os únicos caminhos de investigação que são para pensar [conhecer]:
 Um, que ____ é ____ e que não é possível que ____ não seja____,
 É o caminho da Persuasão (Pois segue a Verdade),
 O outro, que ____ não é ____ e que é necessário que ____ não seja ____,

⁷ Kahn, C. H. “The Greek Verb ‘to be’ and the Concept of Being”. *Foundations of Language*, 2, 1966, p. 245-65.

⁸ A mesma crítica será feita por Curd com relação a Owen (Curd, 2004).

Este eu te digo que é uma via totalmente insondável
 Pois nem conhecerias aquilo que não é_____ (pois não é executável)
 Nem apontarias⁹.

Mourelatos sugere quatro possibilidades de preencher os espaços em branco do sujeito e do predicado. Na primeira, associando substantivos a adjetivos, os caminhos seriam entendidos como descrições ou coleções de fatos (*historía*, ἱστορία), tal como em “Parmênides é obscuro”. Na segunda, os caminhos seriam entendidos como dois modos de atribuir coisas a uma classe ou tipo, como catalogação ou classificação segundo a natureza (*katà phýsin diaíresis*, κατὰ φύσιν διαίρεσις), relacionando substantivo com substantivo, tal como em “Azul é uma cor” (Mourelatos, 1970). E em uma terceira possibilidade, o ἔστιν seria interpretado logicamente com a função de identidade, de conectar coisas. Defendendo uma visão diferente dessas últimas três, Mourelatos, em uma quarta possibilidade, sustenta uma interpretação que, por um lado, remove as distinções, assim como o sentido da identidade, e por outro estabelece uma relação assimétrica, assim como o ἔστιν predicativo. Assim sendo, “se X é Y, não é necessário que “Y seja X”, pois esse sentido remeteria à primeira possibilidade, ao *éstin* (ἔστιν) da classificação, ao sugerir que “o predicado (termo da direita) seja uma condição necessária para o sujeito (termo da esquerda)”. Mas, ao contrário, tal interpretação “entende a predicação como a afirmação de uma nova descoberta”. Além disso, “uma vez que o predicado tenha sido dado, o sujeito é de algum modo redundante”, suprimível, “reduzível ao predicado”. Do mesmo modo, dado esse predicado, ele é de algum modo final, elementar, “não havendo necessidade nem possibilidade de nenhuma outra predicação desse tipo” (Mourelatos, 1970, p. 57).

Sentido Existencial

⁹ DK 28 B2: εἰ δ' ἄγ' ἐγὼν ἐρέω, κόμισαι δὲ σὺ μῦθον ἀκούσας,/ αἴπερ ὁδοὶ μοῦναι διζήσιός εἰσι νοῆσαι/ ἢ μὲν ὅπως ἔστιν τε καὶ ὡς οὐκ ἔστι μὴ εἶναι,/ Πειθοῦς ἔστι κέλευθος (Ἀληθείη γὰρ ὀπηδεῖ),/ ἢ δ' ὡς οὐκ ἔστιν τε καὶ ὡς χρεῶν ἔστι μὴ εἶναι,/ τήν δ' ἡ τοι φράζω παναπευθέα ἔμμεν ἀταρπόν· οὔτε γὰρ ἄν γνοίης τό γε μὴ ἔδν (οὐ γὰρ ἀνυστόν)/ οὔτε φράσαις.

Ao longo da história da crítica, a tradução de *éstin* (ἔστιν) por “existe” e de *eón* (εἶόν) por “aquilo que existe”, foi bastante influente. Segundo Curd, boa parte dos interpretes que seguiram essa interpretação – tais como Guthrie¹⁰, KRS¹¹, Barnes¹², McKirahan¹³, Furley¹⁴, Stokes¹⁵, Gallop¹⁶, Finkelberg¹⁷, O’Brien¹⁸, entre outros (Curd, 2004) – foram fortemente influenciados pelo artigo “Eleatic Questions” de Owen. Segundo Owen, o sujeito do verbo em B2 deveria ser interpretado como aquilo que pode ser pensado ou falado, uma vez que aquilo que não se pode pensar ou falar, argumenta ele, não existe:

(...) não é preciso provar que o sujeito do argumento pode ser falado e pensado, pois estamos falando e pensando sobre ele. Daí a tentação de dizer que o *éstin* não tem sujeito; pois o argumento de Parmênides não precisa supor nada exceto que estamos pensando e falando sobre alguma coisa, e isso parece ser garantido, de qualquer modo, pelo fato de estruturarmos e seguirmos o argumento. O sujeito é completamente formal, até ele ser preenchido com os atributos (começando com a existência) que são deduzidos para ele (Owen, 1960, p. 95).

Owen rejeitou a ideia de que Parmênides tenha escrito dentro de uma tradição cosmológica que o ligasse tanto aos antecessores jônicos quanto aos sucessores itálicos. Ao contrário, segundo ele, o eleata estaria pondo um fim à especulação jônica:

¹⁰ Guthrie, W.K.C. *A History of Philosophy. Vol. 2 – The Presocratic Tradition From Parmenides To Democritus*. Cambridge University Press, 1969.

¹¹ Kirk, G.S.; Raven, J.E.; Schofield, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos – História Crítica com Seleção de Textos*. [Tradução: Carlos Alberto Louro Fonseca] Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

¹² Barnes, J. *The Presocratic Philosophers*. Londres e Nova Iorque, Routledge & Kegan Paul Ltd, 1982.

¹³ McKirahan, R. *Philosophy before Socrates*. Indianapolis, Hackett Publishing, 1994.

¹⁴ Furley, D. J. “Parmenides of Elea”, em *The Encyclopedia of Philosophy*. Vol. 5, 2006, p. 47-51.

¹⁵ Stokes, M. C. *One and Many in Presocratic Philosophy*. Washington, DC, The Center for Hellenic Studies, 1971.

¹⁶ Gallop, D. *Parmenides of Elea: Fragments*. Toronto, University of Toronto Press, 1984.

¹⁷ Finkelberg, A. “Parmenides’ Foundations of the Way of Truth”. *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 6, 1988, p. 39-67.

¹⁸ O’Brien, D. *Le poème de Parménide: Texte, Traduction et Essai Critique*, vol. 1 de *Études sur Parménide*, sous la direction de P. Aubenque. Paris, Vrin, 1987.

A comparação com o *cogito* de Descartes é inevitável: ambos os argumentos rompem com premissas herdadas, ambos partem de um pressuposto cuja negação é peculiarmente auto-refutável. Isso parece suficiente para estabelecer que, no sentido descrito, Parmênides não apoia seu argumento em suposições derivadas de cosmólogos anteriores. Para mim, parece razoável colocá-lo como o mais radial e o pioneiro mais consciente dentre os pré-socráticos conhecidos por nós (Owen, 1969, p. 95).

Após um período de larga influência do *éstin* existencial de Owen, uma série de interpretes começou a questionar a opinião de Owen adotando versões copulativas ou mistas para o verbo ser em Parmênides¹⁹. Esses intérpretes levaram em conta, basicamente dois problemas: qual é o sujeito de *éstin* em B2 e qual é o significado de *éstin* no poema de Parmênides em geral. Uma vez que um determinado sentido tenha sido escolhido em B2, parece coerente que esse mesmo sentido deva ser aplicado em outras passagens como B3, B6 e B8 sobre o *eón*. Curd nota que, embora haja desacordo entre os vários intérpretes sobre o sentido escolhido para o verbo ser, não há desacordo sobre quais sejam os fragmentos essenciais. Os intérpretes das várias tendências citam os mesmos fragmentos para sustentarem as diferentes opiniões (Curd, 2004).

Os adeptos de concepções copulativas do ser em B2, de tipo veritativa no sentido de Kahn – identidade de fatos –, ou predicativa no sentido forte de Mourelatos e Curd – identidade de objetos –, costumam utilizar mais evidências e exemplos de fora dos textos de Parmênides, enquanto que os adeptos de concepções existenciais, tais como Owen, procuram se limitar ao texto. Segundo Curd:

¹⁹ Entre eles, podem-se citar: Kahn (1966), Mourelatos (1970) e os trabalhos: Furth, M. “Elements of Eleatic Ontology”. *Journal of the History of Philosophy*, Vol. 6, 2, 1968 p. 111-132; Furley, D.J. “Notes on Parmenides”, em E. N. Lee, A.P.D. Mourelatos e R. M. Rorty (eds.), *Exegesis and Argument: Studies in Greek philosophy presented to Gregory Vlastos. Phronesis*. Supplementary volume, 1, 1973, Assen, Van Gorcum, p. 1-15; Goldin, O. “Parmenides on Possibility and Thought”. *Apeiron*, 26, 1993, p. 19-35; Mason, R. “Parmenides and Language”. *Ancient Philosophy*, 8, 1988, p. 149-56.

Aqueles que interpretam o *esti* como “existe” estão menos inclinados a procurar paralelos fora de Parmênides (exceto, talvez, no *Sofista* de Platão, onde eles também veem um sentido fundamentalmente existencial em ação). Isto é consistente com o ponto de vista (que acredito estar equivocado) segundo o qual Parmênides não estava preocupado com questões cosmológicas e pode ser entendido independentemente de seus antecessores (Curd, 2004, p. 34-35).

Assim, uma vez que se assuma que Parmênides estava firmemente ligado à tradição cosmológica pré-socrática, interessado em reformar a investigação cosmológica, é preciso dar conta da ampla tradição hermenêutica que data de Platão de que Parmênides era um Monista Numérico, ou seja, de que Parmênides acreditava que apenas “existe” uma coisa, ora chamada de “o Um”, ora de “o Todo” e ora de “o Ser”. Segundo Curd, os primeiros responsáveis por essa interpretação foram Platão, Aristóteles e Teofrasto. E atualmente, na esteira da historiografia Zeller-Dielsiana baseada na autoridade desses filósofos, essa tradição foi retomada (Mourelatos, 1970). Há uma enorme diferença entre o Parmênides histórico e o Parmênides de Platão. O primeiro é um estudioso daquilo que é e da verdade, enquanto que o segundo é um estudioso do Um. Segundo Mourelatos, atualmente se reconhece que a versão platônico-aristotélica da filosofia de Parmênides, além de ter sido filosoficamente tendenciosa devido ao interesse dialético desses filósofos, foi fortemente influenciada pelas ideias de Melisso, Zenão, além de doutrinas sobre o Um da academia (Mourelatos, 1970). Sobre a tradição antiga ligada a interpretação existencial do *éstin* de Parmênides, Curd diz:

Um dos mais antigos registros dessa visão de Parmênides está no diálogo *Parmênides* de Platão, no qual Zenão se autodescreve como tendo defendido o monismo de seu mestre dos ataques daqueles que acham tal visão ridícula (*Prm.* 128b7-e4). Parmênides é descrito como defensor de sua própria tese “de que existe um Um” como um

sujeito para o “passatempo trabalhoso”, que constitui a segunda parte do diálogo (*Prm.* 137b3-4). Explicações análogas do monismo de Parmênides são encontradas em Aristóteles e Teofrasto, e na doxografia que deriva deles (Curd, 2004, p. 64).

Segundo os argumentos elencados em DK28 B2 e B8, não há nada fora daquilo que é (*eón*) que contribua para caracterizá-lo. Isso não implica necessariamente que exista apenas uma coisa que é. Como foi dito antes, o monismo predicativo não é incompatível com o pluralismo numérico. Para que essas duas abordagens sejam compatíveis, é necessário que, em um pluralismo numérico, cada entidade seja una do modo predicativo indicado pelos argumentos em B8. Por outro lado, se o *éstin* for entendido existencialmente, e o sujeito dele for algo como “o todo”, então o monismo numérico será plausível (Curd, 2004). Um dos trechos mais citados pelos adeptos desse tipo de monismo em Parmênides são os versos B 8.22-25, onde é dito que o *eón* é indivisível (*oudè diairetón estin* – οὐδὲ διαιρετόν ἐστίν), todo semelhante (*pân estin homoíon* – πᾶν ἐστίν ὁμοῖον), todo cheio daquilo que é (*pân d' émpleón estin eóntos* – πᾶν δ' ἔμπλεόν ἐστίν ἐόντος) e todo contínuo (*xynekhès pân estin* – ξυνεχῆς πᾶν ἐστίν). Assim, em uma visão existencial do *eón*, seu caráter contínuo se torna pleno, não permitindo separação entre entidades e levando a conclusão de que apenas “o todo”, “o ser” ou “o Um” existe da forma indicada pelos argumentos de B8, e as mudanças enxergadas no mundo pelos homens são apenas visões distorcidas de mortais que consideram o existir e não ser da mesma forma (*brotoì ... pélein te kai ouk eínai tautòn nenómistai* – βροτοὶ ... πέλειν τε καὶ οὐκ εἶναι ταύτὸν νενόμισται).

Tradição cosmológica

Como foi dito acima, a questão vinculada ao tipo de monismo utilizado por Parmênides e o tipo de pluralismo seguido por pluralistas como Empédocles e Anaxágoras está fortemente vinculada com o tipo de tradução e interpretação que se dá ao verbo ser em

Parmênides. Desse modo, uma determinada tradução do *éstin* (ἔστιν) de DK 28 B2 implica em algum tipo de classificação monista de Parmênides. Cada interprete de Parmênides, ao optar por uma tradução existencial, “existe”, ou copulativa, “é”, assume uma linha interpretativa com exigências hermenêuticas diferentes. Ou seja, uma vez tendo escolhido uma ou outra possibilidade de tradução, e dentro desta, um ou outro pressuposto, cada autor buscou, a partir daí, tornar o restante do poema consistente em si mesmo, mostrando a coerência de B2 com cada um dos sinais de B8, a devida conexão entre pensamento e *eón* (‘aquilo que é’ ou ‘aquilo que existe’) em B3, B4, B8.8 e B8.34-41, além da interpretação adequada do proêmio e da *dóxa* (δόξα) nesse contexto. A maior parte dos intérpretes contemporâneos de Parmênides entendeu que ele não estava dialogando com a tradição cosmológica dos jônicos, abolindo, pelo contrário, a possibilidade de se construir uma cosmologia. Estes, em sua maioria, eram adeptos da tradução existencial de B2, postulando que “aquilo que existe”, pelo fato de ser contínuo (B8.5-6 e B8.22-25), deveria ser interpretado como a realidade inteira, entendida como o Um, o Todo ou o Ser (Curd, 2004). A preferência por abordagens desse tipo está no fato de que elas não simplificam o problema historiográfico de interpretar o significado de um texto antigo, não negligenciando sua complexidade e vários condicionantes. Apoiando o comentário de Mourelatos citado anteriormente, a solução mais simples nem sempre é a melhor. Do ponto de vista hermenêutico, em se tratando de um texto de mais de 2400 anos, quanto mais contextualizações que mantenham a coerência entre as partes e o todo, melhor²⁰.

Assim, da discussão acerca da tradução de *éstin* feita acima, depreende-se que a noção pré-socrática de investigação da natureza considera a predicação de *éstin* como uma declaração acerca da natureza dos objetos que podem ser encontrados por essa investigação, fazendo uma afirmação não só informativa como também identitária. Segundo Curd:

Quando alguém diz, por exemplo, que algo é F, pretende revelar a natureza dessa coisa de tal forma que saibamos precisamente o que,

²⁰ Cf. Schleiermacher, F.D.E. *Hermenêutica – Arte e Técnica da Interpretação* [Tradução de Celso Reni Braidá]. São Paulo, Ed. Universitária São Francisco, 2003.

de fato e verdadeiramente, essa coisa é. Essa afirmação se refere “àquilo-que-é” (ἔόν), porque em uma asserção bem sucedida, a coisa que é F é uma coisa que “é” de modo seguro e genuíno. É uma declaração de identidade, pois afirma uma identidade entre a coisa que estamos examinando e sua natureza; mas também pode ser informativa, pois a afirmação explica a coisa e pode muito bem nos dizer algo que nós ainda não sabemos ou que acabamos de descobrir sobre a coisa. Ela nos diz que a coisa que estamos considerando é, de fato e verdadeiramente (*esti dokimōs* como em DK 28 B1.32), o que é. Pelo fato de tal coisa ser uma entidade genuína e segura, ela pode ser um objeto genuíno de pensamento ou investigação e pode funcionar como uma entidade básica em uma cosmologia (Curd, 2004, p. 41-42).

Assim, a impossibilidade de seguir o caminho do-que-não-é, sua inexequibilidade (B2), está no fato de que não é possível dar uma caracterização genuína daquilo que uma coisa é através de negações. E mesmo que fosse possível, não é executável, uma vez que tal investigação teria como resultado uma sequencia infinita de afirmações do tipo: “aquilo-que-é não é X, nem Y, nem Z, nem W, ...”. O caminho daquilo-que-é, é o caminho dos objetos genuínos, dos objetos dignos de receberem a aplicação da compreensão (*nóos*), onde um projeto investigativo cosmológico tem garantia de verdade. Os argumentos em B8 retomam essa decisão entre o caminho do-que-é e o caminho do-que-não-é em B8.15-16. E a garantia de que uma suposta entidade seja genuína está no fato de não haver nenhuma possibilidade do-que-não-é naquilo-que-é, ou seja, entidades que sejam geráveis ou percíveis, de mais de um tipo, sujeitas a mudança, que sejam incompletas, que não sejam uma unidade, ou um todo contínuo são entidades não genuínas e não podem servir para uma abordagem cosmológica genuína (Curd, 2004).

Cabe aqui fazer uma distinção entre a ontologia grega e a ciência moderna. A pesquisa científica contemporânea, baseada em fatos experimentais, está sempre sujeita ao surgimento de novas distinções dentro de entidades que são consideradas como genuínas.

Em Parmênides a possibilidade de refutações não está posta. Uma vez que se tenha encontrado o caráter genuíno ou a realidade de uma coisa, não há porque continuar questionando. Ela está completa. Pelo fato do ser de tal entidade em questão ser uniforme, não sujeito a divisões e distinções, é coeso e uno, é “todo junto, contínuo” (*homôu pân hén, synekhés* – ὁμοῦ πᾶν ἕν, συνεχές), “não há graus de F-dade se uma coisa é F por natureza” (Curd, 2004, p. 82). Sobre o desenvolvimento dos conceitos gregos em geral, e a diferença entre a predicação ontológica dos gregos e a predicação sobre verdades da ciência moderna, Mourelatos diz:

O *ésti* verídico, entendido como “é o caso,” parece incoerente no contexto do início da ontologia grega. A fórmula “é o caso” (estritamente “é o caso que ...”) está diretamente ligada a uma ontologia de *fatós*. Com esse sentido ela é cara às discussões do século XX, especialmente à tradição de filosofia analítica. O projeto grego de ontologia, pelo contrário, foi (inicialmente, e, pelo menos, durante o período dos diálogos médios de Platão) orientado para as *coisas*. Ele encarou o mundo como uma totalidade, não de fatos, mas de objetos. É de acordo com essa referência que o “é” verídico deve ser uma expressão, não da estrutura lógica – isto é, proposicional – do mundo, mas da *identidade* real das *coisas* (Mourelatos, 1970, p. 59-60).

Curd também considera que o *éstin* em Parmênides, lugar natural da compreensão (*nóos*) e para o qual *nóos* se dirige quando de posse do caminho de investigação verdadeiro, tem um sentido predicativo ontológico forte, no sentido de Mourelatos. As abordagens de Mourelatos e de Curd sobre o monismo de Parmênides são bastante análogas. Uma das poucas diferenças entre essas duas abordagens está no fato de que, em Curd, as entidades metafisicamente básicas de Parmênides, ou naturezas, são o interesse básico de Parmênides

em sua tentativa de dialogar com as cosmologias de seus predecessores. Mourelatos, por outro lado, não aceita essa restrição (Curd, 2004).

Pluralismo de Unidades Parmenideanas

Depois de Parmênides, poucos autores permaneceram adeptos do monismo numérico. O próprio Parmênides, na parte da *dóxa* (δόξα), descreve uma cosmologia baseada na mistura e separação de duas entidades básicas. Se Parmênides indicou ou não o pluralismo como único modelo cosmológico aceitável não é possível saber com certeza. Mas é possível afirmar com bastante segurança que, pelo menos, Empédocles e Anaxágoras aceitaram suas premissas básicas e adotaram o pluralismo numérico. E uma das questões que surgem quando se encara esses dois pré-socráticos como pertencentes à mesma perspectiva filosófica é a questão do significado da negação quando se tem uma pluralidade de entidades genuinamente básicas.

O segundo caminho de Parmênides, aquele em que são formuladas predicções do tipo “não é”, foi abolido como impraticável. Mas uma vez que sejam consideradas mais de uma entidade genuína, cada uma delas pode ser pensada como aquilo que não é a união de todas as outras entidades genuínas. Ou seja, no caso de Empédocles, posso definir a água como não sendo nem terra, nem ar, nem fogo; a terra como não sendo nem água, nem ar, nem fogo; e assim por diante com relação ao ar e ao fogo. Ou seja, nesse caso, assim como no caso da *dóxa* de Parmênides, pelo fato de serem postuladas uma pluralidade finita de entidades básicas para explicar o cosmos, parece ser possível seguir o segundo caminho de Parmênides. Por outro lado, no caso de Anaxágoras e dos atomistas essa possibilidade já ficaria claramente descartada. De qualquer modo, se forem levados em conta os vários sinais daquilo-que-é, indicados em B8.6-41, a caracterização dessa pluralidade de entidades não será válida, uma vez que serão atribuídas as características descritas em B8.6-41 ao sujeito, e essas mesmas características serão negadas nos predicados, pois eles também representam entidades genuínas. Ou seja, tal caracterização se torna inválida, uma vez que são ditos sobre as entidades que elas são e não são indivisíveis, contínuas, completas etc.

Assim sendo, todo o pluralismo numérico se tornaria incompatível com a proposta parmenideana entendida como monismo predicativo. Curd acredita que Parmênides não percebeu esse problema ou não achou que essas questões pudessem abalar sua teoria:

Eu não acho que Parmênides ou qualquer outro pensador pré-socrático via um problema aqui. Ao não ver tal dificuldade potencial, os pré-socráticos seguintes não compreenderam mal a teoria de Parmênides (nem ele compreendeu mal a sua própria teoria) (Curd, 2004, p. 95).

Assumindo o monismo de Parmênides como predicativo, compatível com o pluralismo numérico, Curd define dois tipos de negações aplicáveis a diferentes entidades genuínas no contexto de uma análise cosmológica pluralista, ou seja, de no mínimo duas entidades. Assim, a predicação negativa da via da opinião em B2 é chamada de negação interna, enquanto que a negação de outras entidades que não estejam em questão é chamada de negação externa. Nas palavras de Curd:

Se fizermos a distinção entre negação interna e externa, poderemos admitir uma diversidade numérica de entidades sem comprometer sua unidade interna. Uma negação interna (descartada pela proibição contra aquilo-que-não-é) é uma negação que seria uma parte integral da definição que especifica a natureza daquilo que é. Uma negação externa, pelo contrário, é uma declaração negativa sobre uma entidade que não esteja incluída na definição que especifica sua natureza (Curd, 2004, p. xxii).

Assim, Curd mantém a continuidade entre o monismo eleático e o pluralismo posterior, permitindo a existência de um pluralismo de unidades parmenideanas. Seu argumento contempla tanto a unidade interna de objetos que são – pois não pode haver diferenças internas em cada coisa que é – quanto a possibilidade de uma pluralidade

numérica de tais entidades genuínas, permitindo diferenças externas entre tais entidades genuínas. No caso de Empédocles, a negação do tipo: “Terra” não é “X”, onde X é uma definição que especifica inteiramente a natureza da Terra, é uma negação interna desaconselhado por DK28 B2.6-8. Por outro lado, a afirmação: “Terra” não é “Água” não é inválida, pois a entidade genuína “água” não participa da definição da natureza da Terra e constitui uma negação externa. De uma dessas negações não é possível chegar à outra, pois a Terra e a Água são diferentes, embora tanto uma quanto a outra sejam entidades genuínas e compartilhem os sinais de B8 característicos de todas as entidades genuínas. Assim como, na ciência moderna, cada átomo é definido inteiramente a partir de uma série de características tomadas com base em certas condições iniciais, em Empédocles, cada raiz é definida com base em características que especificam sua natureza. Segundo Curd:

Cada entidade básica é definida e adicionada à lista daquilo que é, sem que sua definição inclua suas relações com outras coisas genuinamente reais. Assim, nessa visão, negações externas não implicam negações internas (Curd, 2004, p. xxii).

A diferença entre a concepção moderna e a concepção grega de elemento básico está no fato de que, no primeiro caso, esses elementos são encarados como fenômenos, sempre abertos à refutação, enquanto que no segundo, cada elemento é entendido como a realidade mesma, a coisa-em-si, em uma concepção chamada por Mourelatos de “metafísica ingênua de objetos”.²¹ Segundo Mourelatos, o *éstin* em DK 28 B2 serve para fazer contato direto com a realidade. Citando Mourelatos, Curd diz:

Pelo fato do metafísico ingênuo conceber um mundo composto unicamente de coisas, dizer “X é F” é referir-se à coisa de um modo especial. O objeto de conhecimento, para Mourelatos, é, portanto, literalmente, uma coisa que é pinçada por um termo que deve, se

²¹ Cf. Mourelatos, A. “Heraclitus, Parmenides, and the Naive Metaphysics of Things”, em E. N. Lee, A.P.D. Mourelatos, and R. Rorty (eds.). *Exegesis and Argument: Studies in Greek Philosophy Presented to Gregory Vlastos*. Assen, Van Gorcum, 1973, p. 16-48.

tomado por uma expressão feliz, pinçar o todo de uma coisa de modo completamente positivo. Assim, quando se diz “X é F”, voltando-se para uma coisa, aparentemente afirma-se que “F” constitui X e revela exatamente o que X é (Curd, 2004, p. 41)

Esse estatuto ontológico atribuído pelos gregos aos elementos básicos tem a sua importância justificada quando analisado junto ao caráter epistemológico do pensamento pré-socrático. Em B3 Parmênides afirma a importância entre o pensamento e aquilo que é dizendo que “a mesma coisa é (para) pensar e também ser²²”, mostrando que o pensamento genuíno e verdadeiro acontece quando se refere àquilo que é. E para que o pensamento alcance aquilo que é de modo genuíno é preciso que não haja divisões internas que façam com que o pensamento afirme simultaneamente que é e que não é. É nesse sentido que Parmênides afirma que não há divisões naquilo-que-é, uma vez que é todo semelhante (B8.22)²³. Segundo Curd:

(...) não há divisões predicativas dentro *do que é*, pois o todo dele é semelhante – apenas o que é. No caso de ser F, é todo e apenas F sem qualquer possibilidade de poder ser também G. Pois se fosse uma pluralidade, ele poderia ser decomposto em suas componentes de pensamento F e G. Sua unidade predicativa garante a possibilidade dele ser entendido pelo pensamento, sem negações internas que impediriam *noos* de apreendê-lo, ou que permitiriam que *noos* se afastasse *daquilo que é* em direção ao caminho negativo (Curd, 2004, p. 68).

As raízes de Empédocles, por exemplo, se tomadas segundo o critério das negações internas e externas, são compatíveis com os argumentos de Parmênides. Em DK 31 B 17. 27-28, as raízes, o amor e o ódio são considerados, por um lado, iguais e de mesma idade

²² B3: ... τὸ γὰρ αὐτὸ νοεῖν ἐστὶν τε καὶ εἶναι.

²³ B8.22: οὐδὲ διαιρετόν ἐστιν, ἐπεὶ πᾶν ἐστιν ὁμοῖον.

(B17.27), por outro, como governadores de seus próprios territórios e com seus próprios caracteres (B17.28)²⁴. Ou seja, do ponto de vista interno, cada uma tem uma natureza única, e do ponto de vista externo, todas compartilham as características das entidades genuínas parmenideanas. Segundo Curd:

(...) nas linhas que seguem imediatamente B17.29, [Empédocles] reafirma que nada mais vem a ser ou perece para além destas coisas que são, ressaltando o caráter fundamental das raízes (B17.30-35). Então, Empédocles, ao adotar a estrutura de Parmênides, adota um pluralismo que está comprometido com as diferenças entre as entidades fundamentais, sem acreditar que essas diferenças o obriguem a dar uma caracterização negativa de cada coisa que é. A evidência disponível sugere que o mesmo é verdade com relação ao Atomismo (Curd, 2004, p. 95-96).

Assim, a partir de um ponto de vista predicativo forte, de caráter ontológico, Curd, seguindo as pistas de Mourelatos, consegue fazer do eleatismo um movimento de estruturação das ideias cosmológicas, colocando-o em estreito diálogo com as perspectivas pluralistas seguintes, que não só reagiram às ideias eleatas em suas abordagens da natureza, como seguiram de algum modo alguns dos princípios de Parmênides, ao aplicarem os princípios de investigação do *eón* (ἔόν) parmenideano em suas investigações, continuando o projeto monista predicativo de Parmênides de um modo ou de outro, em algo que pode ser chamado de pluralismo de unidades parmenidianas.

²⁴ B17.27-28: ταῦτα γὰρ ἴσά τε πάντα καὶ ἥλικα γένναν ἔασι,/ Τιμῆς δ' ἄλλης ἄλλο μέδει, πάρα δ' ἦθος ἑκάστωι.